

Tradução e recepção: literaturas traduzidas

I

“As traduções fazem parte de apenas um sistema: o sistema de chegada”.

Gideon Toury

O

s textos que compõem os números XXXIII e XXXIV da *Revista de Italianística* são produto do trabalho de um grupo de docentes e alunos, de graduação e de pós-graduação, da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal de Santa Catarina em Florianópolis. A colaboração entre as duas universidades, iniciada em 2010, deu muitos frutos, ao tornar possíveis encontros físicos e virtuais, oficinas, mesas de comunicações, mesas redondas, trocas de experiências e ideias, de teorias e bibliografias, em torno do tema, cuja importância é cada vez mais evidente, da literatura traduzida.

A expressão “literatura traduzida” indica “o grupo das obras literárias traduzidas”, “um corpus de textos que está estruturado e funciona como um sistema” (Even-Zohar, 1978).¹ Eis o ponto de partida das nossas pesquisas: a ideia de que há vários sistemas literários, ou co-sistemas (no Brasil, por exemplo, um sistema da literatura nacional em língua portuguesa, outros sistemas, talvez, em posição minoritária, de literaturas em língua indígenas, várias literaturas traduzidas em posições diferentes, dispostas hierarquicamente) que interagem no âmbito de um sistema maior, definido o “polisistema” literário. Neste âmbito, se colocam nossas perguntas: que tipo de relação existe entre a literatura brasileira, composta de um certo número de obras em luta entre si para obtenção da “posição central”, e as várias literaturas traduzidas com as quais entra em contato? Quais mecanismos, quais interesses determinam a entrada de certas obras e não outras no mercado nacional? Quais os efeitos do encontro dos sistemas e qual a posição das várias literaturas traduzidas em relação ao todo? Tal posição é determinada por relações de poder entre línguas, culturas, literaturas. Ainda segundo Even-Zohar, a própria seleção das obras a serem traduzidas e inseridas no mercado nacional é diretamente proporcional ao prestígio da língua, do país, do autor, da obra. Para refletirmos sobre a própria noção de prestígio, podem nos auxiliar as reflexões de Bourdieu (Bourdieu, 2015) sobre a economia das trocas simbólicas, e especificamente sobre a estrutura e o funcionamento de campos de produção erudita de um lado e, de outro, da indústria cultural.

Outro campo de reflexões, que já conta com uma rica bibliografia e que orientou o trabalho do grupo diz respeito à ideia de tradução como reescritura e manipulação. Toda tradução é reescritura e é manipulação (Lefevre, 2007) de um texto de modo a adaptá-lo da melhor maneira à sociedade, ao público leitor, ao mercado no qual será inserido. A citação na epígrafe alude a outro princípio norteador da nossa pesquisa: estudamos as relações entre sistemas literários, sem esquecer que o campo do encontro, das transformações, o contexto mais significativo da tradução é a literatura de chegada. Nesse campo, as razões de cada específica escolha tradutória, as nuances de significado, de registro, de estilo são reveladoras das estratégias de adaptação do texto ao novo contexto e, portanto, também das relações de poder entre os sistemas.

No começo do volume, apresentamos o ensaio de José Fernando Modesto da Silva,

1 Cf. bibliografia do projeto, no final do volume XXXIV. Ali o leitor poderá encontrar também o histórico dos eventos promovidos pelo Grupo, a lista das publicações de 2011 a 2016 e maiores informações sobre o *Dicionário Bibliográfico da Literatura Italiana Traduzida*, outro produto deste trabalho, à disposição de qualquer usuário, no Brasil e no exterior, nos endereços www.dlit.ufsc.br e www.usp.br/dlit.

biblioteconomista da ECA/USP, que explicita e comenta os critérios da descrição bibliográfica do *Dicionário da Literatura Italiana Traduzida*, salientando não apenas a importância dessa contribuição para os estudos da literatura traduzida, mas também da cooperação interdisciplinar, entre as áreas da literatura e da biblioteconomia.

Seguem artigos e ensaios dedicados à análise da literatura traduzida no Brasil. O principal tema de pesquisa escolhido no último biênio foi o paratexto (Genette, 1987), aquela área de fronteira entre o texto e o leitor, de apresentação do texto ao leitor, constituída pela edição, que também é extremamente reveladora das estratégias de inserção de títulos e autores, correntes e tendências da produção erudita e da indústria cultural no contexto de chegada. Um grupo de textos aqui reunidos é dedicado especificamente a esse tema. Andrea Santurbano estuda a recepção de Giorgio Manganelli no Brasil, a partir da diferente articulação dos posfácios do autor – partes integrantes das obras, segundo Santurbano – nas edições italianas e brasileiras; Sara Debenedetti e Lucia Wataghin propõem uma leitura das capas dos romances da Einaudi (de Pavese, Calvino, Ginzburg) e, analogamente, das capas dos mesmos romances traduzidos no Brasil. Ainda sobre o tema, Dayana Loverro repensa o paratexto (especificamente as notas de rodapé) da edição italiana do *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes, para discutir e evidenciar o encontro intercultural da obra com o leitor italiano; Joseni Pasqualini e Silvana de Gaspari refletem sobre os elementos paratextuais na edição da tradução do *Inferno* para o português, realizada por Malba Tahan para a Ediouro; Maysa Rizzotto analisa o paratexto em algumas edições brasileiras de *Pinóquio*, realizadas entre 1929 e 2012. Ainda no âmbito desse tema, Arivane Chiarelotto reflete sobre o paratexto (capas dos volumes, fotografias do poeta, formatação dos títulos) nas edições brasileiras da poesia de Eugenio Montale, enquanto Égide Guareschi se concentra nas edições brasileiras do seu (ou não?) polêmico *Diário póstumo*. Fabiana Vasconcellos Assini, Luisa Kaviski Faccio e Patricia Peterle refletem sobre a edição de Caproni no Brasil – um caso de recepção especialmente complexo por apresentar Caproni através do olhar do filósofo Agamben (no Brasil, mais conhecido do que o próprio Caproni) e, naturalmente, através do olhar da tradutora e organizadora do volume, Aurora Bernardini. Sobre o tema editores e edições, temos o artigo de Leila Marangon, que apresenta uma pequena história da Berlendis & Vertecchia, editora que se concentra desde a fundação na tradução de obras da literatura italiana para o português. E, ainda, Andrea Santurbano e Lucas de Sousa Serafim refletem sobre a função dos epítextos, com especial atenção para os elementos da “marginalidade” na divulgação da obra de Pasolini no Brasil. Outra seção, ainda neste número

da revista, é dedicada ao tema de poesia e tradução. Patricia Peterle pensa em fenômenos de hibridização, pelos quais versos e palavras de poetas italianos ressoam na poesia brasileira (Dante em Drummond, Ungaretti em Ivo Barroso), e reflete, em termos benjaminianos, sobre as potencialidades da tradução, pelas quais os textos se renovam e enriquecem da forma mais ampla. E ainda, Elena Santi e Patricia Peterle escrevem sobre a tradução brasileira, de Aloysio de Castro, de “*Inno a Roma*”, que é por sua vez uma auto-tradução, do latim para o italiano, de Giovanni Pascoli e revela a intenção, na escolha de Aloysio, de construir uma ponte entre a classicidade latina, a cultura italiana e a cultura brasileira.

Para integrar o não pequeno, mas ainda parcial panorama elaborado pelo nosso grupo de pesquisa, convidamos o leitor a acessar o número XXXIV da *Revista de Italianística*, o segundo dedicado, em 2017, aos estudos de literatura italiana traduzida.

Lucia Wataghin, Sara Debenedetti, Silvana de Gaspari